

DAN JONES



TEMPLÁRIOS



*Ascensão e queda
dos guerreiros de Deus*

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

DAN JONES



TEMPLÁRIOS



CRÍTICA

*Ascensão e queda
dos guerreiros de Deus*

Tradução
Claudio Carina

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Dan Jones, 2017
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright © Claudio Carina
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Templars*

PREPARAÇÃO: Tiago Ferro
REVISÃO: Carmen T. S. Costa e Nine Editorial
DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
MAPAS: Spaansenmedia / VBK Media | Uitgeverij Omniboek
CAPA: adaptado do projeto original de
Head of Zeus / Matt Bray
IMAGEM DE CAPA: Shutterstock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Jones, Dan
Templários: ascensão e queda dos guerreiros de Deus / Dan
Jones; tradução de Claudio Carina. – São Paulo: Planeta, 2021.
464 p.

ISBN 978-65-5535-457-7
Título original: *The Templars*

1. Templários - História I. Título II. Carina, Claudio

21-2602

CDD 271.7913

Índice para catálogo sistemático:

1. Templários - História



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Sumário

| | |
|---|-----|
| Lista de mapas | 8 |
| Nota do autor..... | 9 |
| Introdução..... | 17 |
| PARTE I Peregrinos | |
| 1 “Uma bacia de ouro, cheia de escorpiões”..... | 29 |
| 2 “A defesa de Jerusalém”..... | 44 |
| 3 “Uma nova fidalguia”..... | 57 |
| 4 “Toda boa dádiva”..... | 73 |
| PARTE II Soldados | |
| 5 “Um torneio entre o Céu e o Inferno”..... | 91 |
| 6 “A moenda da guerra”..... | 107 |
| 7 “A torre que Deus esqueceu”..... | 118 |
| 8 “Poder e riqueza”..... | 131 |
| 9 “Problemas em dois territórios”..... | 142 |
| 10 “Lágrimas de fogo”..... | 155 |
| 11 “Ai de ti, Jerusalém!”..... | 175 |
| PARTE III Banqueiros | |
| 12 “A busca pela fortuna”..... | 203 |
| 13 “Em nenhum lugar na pobreza”..... | 226 |
| 14 “Damietta!”..... | 241 |
| 15 “Animosidade e ódio”..... | 262 |
| 16 “Desfraldem e levantem a nossa bandeira!”..... | 280 |
| PARTE IV Hereses | |
| 17 “Um carço na garganta”..... | 303 |
| 18 “A cidade cairá”..... | 322 |
| 19 “Sob a indução do Diabo”..... | 337 |
| 20 “Depravação herética”..... | 359 |
| 21 “Deus vingará nossa morte”..... | 377 |
| Epílogo – O Santo Graal..... | 405 |
| Apêndices..... | 415 |
| Notas..... | 423 |
| Bibliografia..... | 449 |

Lista de mapas

Europa e a Terra Santa, *c.* 1119, 12-13

A Terra Santa, *c.* 1119, 14-15

A viagem de Saewulf, *c.* 1102, 34-35

Jerusalém no século XII, 200

Palestina e o sul da Síria, 240

Os mongóis e os mamelucos, *c.* 1260-1291, 314-315

Acre em 1291, 336

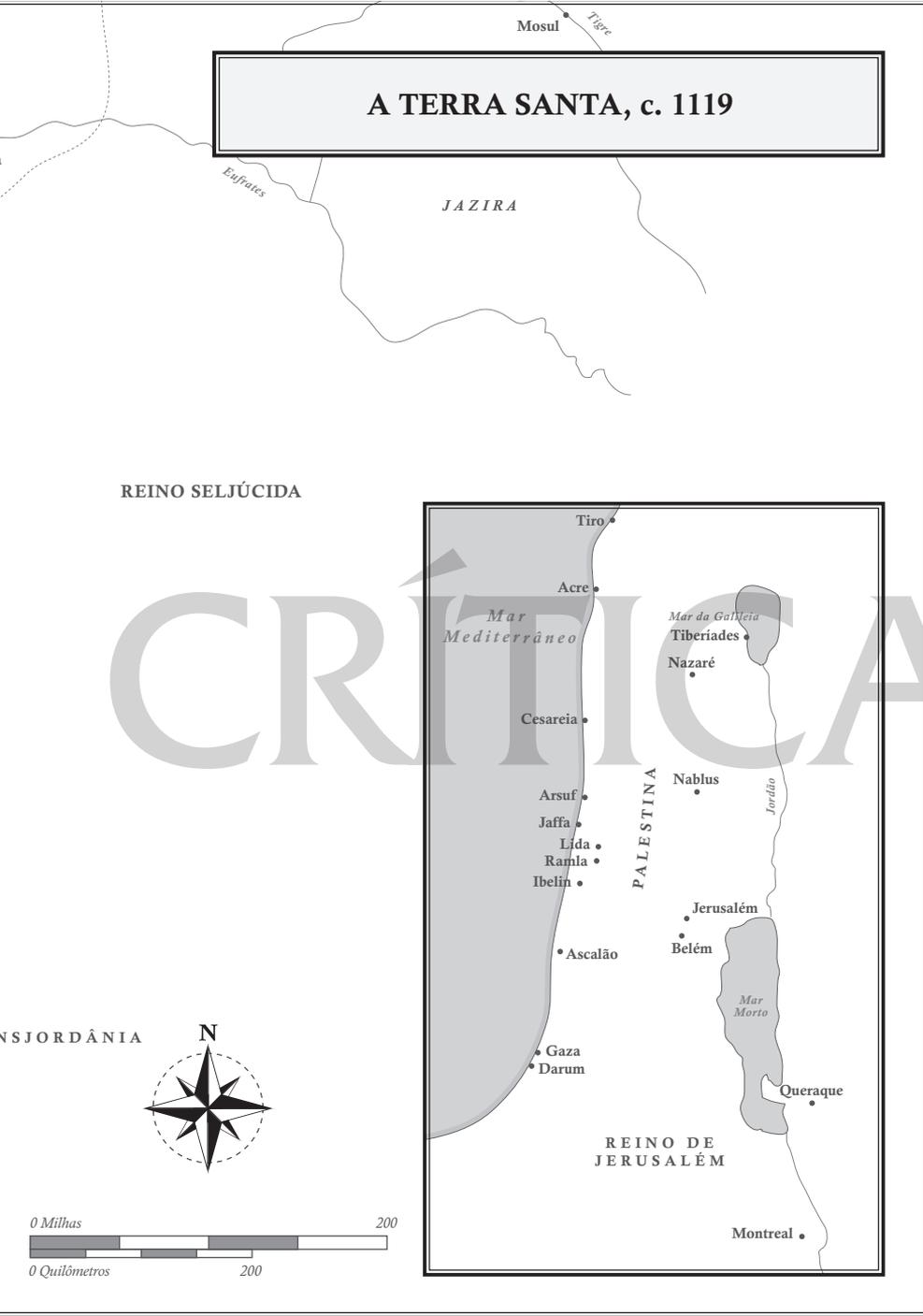
EUROPA
e a
TERRA SANTA,
c. 1119





TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

A TERRA SANTA, c. 1119



PARTE I

Peregrinos

c. 1102-1144

CRÍTICA

Lutem, eu vos suplico, pela salvação de vossas almas!

Balduíno I, rei de Jerusalém

“Uma bacia de ouro, cheia de escorpiões”



Era uma chuvosa manhã de outono em Jaffa quando os peregrinos saíram da igreja. Foram imediatamente atropelados por uma multidão desabalada correndo em direção ao mar, atraída por uma horrível cacofonia: o rangido de madeira sendo destruída e, quase inaudíveis no rugido do vento e na explosão das ondas, os gritos de homens e mulheres aterrorizados lutando pela vida. Uma violenta tempestade, formada no dia anterior, desabara durante a noite e cerca de trinta navios ancorados na sonolenta e aconchegante baía de Jaffa eram assolados por grandes montanhas de água. O maior e mais sólido deles havia se soltado das âncoras e sido lançado contra escarpas afiadas e bancos de areia até que, nas palavras de um espectador, tudo foi “despedaçado pela tempestade”.¹

A multidão na praia observava impotente enquanto marinheiros e passageiros eram varridos dos conveses. Alguns tentavam se manter à tona agarrando em mastros e vergas quebrados, mas a maioria estava condenada. “Alguns, enquanto se seguravam, eram atingidos pelo madeirame dos próprios navios”, escreveu o observador. “Alguns, que sabiam nadar, entregaram-se voluntariamente às ondas, e foi assim que muitos deles pere-

ceram.”² Na praia, cadáveres trazidos pela maré começaram a se acumular. Os mortos chegariam a mil, e apenas sete navios não naufragariam na tempestade. “Uma grande tristeza em um só dia que nenhum olhar jamais viu”, escreveu o peregrino. Era segunda-feira, 13 de outubro de 1102.

O peregrino a quem devemos esse relato era um inglês conhecido como Saewulf.^{1*} Ele já estava viajando fazia vários meses, tendo saído de Monopoli, na costa da Apúlia (o salto da bota na moderna Itália) em 13 de julho, um dia que ele define como *hora egyptiaca*, que era considerado desde o tempo dos faraós como uma data astrologicamente amaldiçoada para começar qualquer empreendimento importante.³ E assim se provou ser. Saewulf já tinha sofrido um naufrágio em sua travessia entre a Inglaterra e o leste do Mediterrâneo; sobrevivendo por milagre. Sua rota o levou a Corfu, a Cefalônia e a Corinto, depois por terra via Tebas até o mar Egeu, seguindo depois para o sul pelas ilhas Cíclades e do Dodecaneso até Rodes. Outros vários dias no mar o levaram ao porto cipriota de Pafos, de onde, depois de exatamente treze semanas durante as quais viajou cerca de 3.220 quilômetros, ele finalmente chegou a Jaffa, o principal porto do reino cristão de Jerusalém. Saewulf foi levado até a praia num barco a remo poucas horas antes da tempestade fatal.

Apesar das muitas privações e terríveis perigos das viagens marítimas, Saewulf viu coisas incríveis em sua jornada ao Oriente enquanto ele e seus companheiros de viagem desembarcavam a cada poucos dias para implorar por acomodações de ilhéus, os quais ele chamou, generosamente, de gregos. Passou pelas lojas de seda de Andros e esteve onde havia muito se erguera o já desaparecido Colosso de Rodes. Visitou a antiga cidade de Mira, com seu lindo teatro semicircular, e esteve em Finike, um porto mercantil fundado pelos fenícios, assolado pelo vento numa região conhecida pelos habitantes locais como “sessenta remos”, devido à turbulência do mar. Já havia rezado no túmulo de São Nicolau e caminhado por

1 * Saewulf não faz menção ao local onde nasceu em seu relato em latim escrito na Terra Santa, e quase não sabemos nada sobre sua biografia a não ser o conteúdo de seu diário de peregrinação. Mas é razoável supor que fosse da Inglaterra: ele usa material de referência de São Beda da Nortúmbria e uma cópia medieval de seu relato acabou chegando à biblioteca de Matthew Parker, arcebispo de Canterbury no século XVI.

Chipre seguindo os passos de São Pedro. Mas o que mais desejava estava além. Assim que a tempestade amainou, Saewulf partiu para a cidade mais importante do mundo: seguiu a estrada para sudeste até Jerusalém, onde pretendia rezar ante o túmulo de Jesus Cristo, o Filho de Deus e salvador de toda a humanidade.

Para um cristão como Saewulf, que se definia piamente como “indigno e pecador”, uma visita a Jerusalém era uma jornada redentora ao centro do mundo.⁴ Deus dissera ao profeta Ezequiel, do Velho Testamento, que havia estabelecido Jerusalém “no meio das nações”, o que era considerado como mais que uma simples figura de linguagem.⁵ Os mapas produzidos na Europa na época representavam a Terra Santa como o cerne em torno do qual se erigiam todos os reinos da humanidade, tanto cristãos quanto pagãos.^{2*} Esse fato da geografia era também um dado da cosmologia. Jerusalém era considerado um lugar onde o celestial se manifestava, onde o poder das orações era potencializado pela presença de relíquias e locais sagrados. Não era algo apenas visível, mas também sensível: um visitante podia vivenciar pessoalmente os detalhes sagrados das histórias bíblicas, desde os feitos dos reis do Velho Testamento à vida e a Paixão de Cristo.

Chegando a Jerusalém pela estrada que partia de Jaffa, Saewulf teria entrado pelo Portão de David, um portal bastante fortificado nas espessas muralhas defensivas da cidade, guardado por uma grande cidadela de pedra construída sobre os remanescentes de uma fortaleza erguida por Herodes – o rei que a Bíblia afirmava ter executado todos os bebês de Belém numa tentativa de matar o menino Jesus. Ao andar pelas ruas, ele podia ver o Monte do Templo dominando o sudeste da cidade, coroado com a reluzente Cúpula da Rocha, que os cristãos chamavam de Templo do Senhor. Pouco depois havia a mesquita de Al-Aqsa, uma construção larga, baixa e retangular, também encimada por uma cúpula, erigida no

2 * Um belo exemplo é o *Mappa Mundi* da catedral de Hereford, na Inglaterra. Foi criado em c. 1300, mas é uma ilustração perfeita da concepção medieval do mundo da época de Saewulf, com Jerusalém no local central do mapa. Os guias de viagem diziam que os visitantes podiam localizar o centro do mundo “treze passos a oeste do monte do Calvário”.

século VII e convertida pelos cristãos em um palácio para o rei cristão de Jerusalém, um nobre rico de Boulogne, conhecido como Balduíno I.

Além do Monte do Templo, do outro lado da muralha oriental de Jerusalém, havia um cemitério, e logo a seguir o Getsêmani, onde Jesus orou com seus discípulos e foi traído por Judas na noite em que foi preso. Mais adiante situa-se o Monte das Oliveiras, onde Jesus passou muitas semanas pregando e de onde afinal ascendeu ao céu. Saewulf escreveu em seu diário que subiu o Monte das Oliveiras e contemplou Jerusalém de cima, observando até onde as muralhas e os limites da cidade haviam se expandido durante a ocupação dos romanos.

O local mais sagrado de todos, a verdadeira meta das peregrinações cristãs, estava em Jerusalém. Era a igreja do Santo Sepulcro, que Saewulf chamava de “mais celebrada que qualquer outra igreja, e isso é digno e justo, uma vez que todas as profecias e predições do mundo inteiro sobre nosso Salvador Jesus Cristo foram verdadeiramente realizadas aqui”.⁶ Era um complexo de dois andares de capelas e pátios internos interligados, muitos dos quais celebravam – e considerava-se que literalmente assinalavam – os pontos de eventos cruciais da Paixão. Saewulf fez uma relação deles: a cela da prisão onde Jesus ficou preso após ser traído; um local onde um fragmento da cruz fora encontrado; o pilar onde o Senhor foi amarrado quando açoitado por soldados romanos e “o lugar onde foi forçado a vestir o manto púrpura e coroado com a coroa de espinhos”; o Calvário, “onde o patriarca Abraão fez um altar e em obediência a Deus quis sacrificar seu filho [Isaac]” e onde Jesus foi crucificado – aqui Saewulf viu o buraco onde a cruz fora fincada e uma pedra rachada em dois, como estava no Evangelho de São Mateus.⁷ Havia capelas dedicadas a Maria Madalena e a São João Apóstolo, a Virgem Maria e a São Tiago. O mais importante e impressionante de tudo, porém, era a grande rotunda no lado oeste da igreja, pois lá encontrava-se o túmulo de Cristo. Era a caverna onde Jesus foi enterrado depois da crucificação, antes da ressurreição. O santuário era rodeado por lampiões a óleo permanentemente acesos e recoberto com lajes de mármore: um lugar tranquilo e perfumado para orações e devoção.⁸ Nenhum outro local no mundo ou na história era mais sagrado para os cristãos. Como Saewulf escreveu logo

na primeira linha de suas memórias: “Eu estava a caminho de Jerusalém para rezar no túmulo do Senhor”. Estar diante do Sepulcro era se aventurar no berço da cristandade, a razão de peregrinos como Saewulf se disporem a arriscar a própria vida para chegar lá.

Peregrinação era um aspecto crucial da vida cristã no início do século XII, como vinha sendo já por quase mil anos. Viajavam-se distâncias incríveis para visitar capelas de santos e locais de famosos feitos cristãos. Fazia-se isso pelo bem da própria alma: algumas vezes para buscar alívio divino para doenças, outras como penitência para compensar pecados. Alguns achavam que rezar em certo santuário asseguraria a proteção daquele santo em sua passagem para a outra vida. Todos acreditavam que Deus tinha consideração pelos peregrinos e que um homem ou uma mulher que se aventurassem com fé e humildade ao centro do mundo melhorariam sua situação aos olhos de Deus.

Mas a perigosa jornada de Saewulf não foi apenas de devoção; foi também oportuna. Embora os cristãos realizassem peregrinações a Jerusalém desde pelo menos o século IV, o território nunca fora totalmente amistoso. Pela maior parte dos setecentos anos anteriores, a cidade e a área ao redor estiveram sob o controle de imperadores romanos, reis persas, califas omíadas e governantes seljúcidas chamados beis (ou emires). Desde o século VII, quando um exército árabe tomou a cidade do domínio bizantino cristão, até o fim do século XI, Jerusalém esteve nas mãos dos muçulmanos. Para os seguidores do islã, era a terceira cidade mais sagrada do mundo, depois de Meca e Medina. Os muçulmanos a reconheciam como a localização de Al-Masjid al-Aqsa (A Mesquita mais Distante), lugar onde, segundo o Corão, o profeta Maomé foi trazido de sua “Jornada Noturna”, quando o anjo Gabriel o transportou de Meca para o Monte do Templo, de onde os dois ascenderam aos céus.⁹

Porém, as condições haviam mudado radicalmente. Três anos antes da viagem de Saewulf, um dramático levante conturbara a cidade e as regiões costeiras mais extensas da Palestina e da Síria, o que mudou fundamentalmente o apelo e a natureza da peregrinação para homens e mulheres do Ocidente latino. Na esteira de uma guerra sofrida e prolongada, que assolou a região entre 1096 e 1099, grandes partes da Terra Santa foram



A VIAGEM DE SAEWULF, c. 1102

→ Viagem para a Terra Santa → Viagem de volta



conquistadas pelos exércitos do que veio a ser conhecido como Primeira Cruzada.

Grandes expedições de peregrinos-guerreiros viajaram do oeste da Europa para a Terra Santa (que às vezes era chamada de “Outremer”, que se traduz simplesmente como “ultramar”). Esses peregrinos ficaram conhecidos por escritores cristãos como “latinos” ou “francos”, um termo inspirado por textos muçulmanos, que se referiam a eles como *ifranj*.¹⁰ Respondendo a um apelo por ajuda militar do imperador bizantino Comneno, apoiado pelas entusiasmadas pregações do Papa Urbano II, homens e mulheres marcharam primeiro para Constantinopla e em seguida para o litoral levantino, para lutar contra os muçulmanos que dominavam a região. Urbano prometeu, de forma tentadora, que participar de uma cruzada poderia ter o mesmo efeito que todas as penitências que a Igreja podia impor a um indivíduo por causa de seus pecados – teoricamente, toda uma vida de transgressões poderia ser zerada numa única jornada. De início, esses peregrinos armados eram pouco mais que uma turba violenta e indisciplinada, liderada por agitadores como o padre francês Pierre, o Eremita, que estimulavam em seus seguidores um frenesi de devoção, mas eram incapazes de abastecê-los adequadamente ou de controlar seus surtos de violência. Ondas subsequentes de cruzados foram comandadas por nobres da França, da Normandia, da Inglaterra, de Flandres, da Bavária, da Lombardia e da Sicília, motivados por um senso moral genuíno de que era seu dever cristão libertar os locais sagrados dos invasores muçulmanos, encorajados pelo fato de que Jerusalém e seus arredores estavam divididos política e militarmente entre inúmeras facções do mundo islâmico mutuamente hostis.

As fissuras eram políticas, dinásticas e sectárias. De um lado havia os seljúcidas, originalmente da Ásia Central, que construíram um império que se espalhava da Ásia Menor ao Hindu Kush, misturando as culturas turca e persa e mantendo lealdade religiosa ao califa abássida em Bagdá, o líder espiritual do islã sunita. Antes de 1092, durante vinte anos, o império seljúcida foi governado pelo sultão Malique Xá. Com sua morte, o império foi dividido entre seus quatro filhos, que se lançaram numa turbulenta disputa.

Em oposição aos seljúcidas havia o grosso do califado fatímida, com seus redutos no Egito, cujos líderes afirmavam serem descendentes da filha de Maomé, Fátima. Desde meados do século X, os fatímidas dominaram a maior parte do Norte da África, da Síria, da Palestina, da região de Hejaz e até da Sicília, leais ao seu califa xiita no Cairo. No fim do século XI, o império seljúcida também começava a se esfacelar, perdendo território e influência e recuando aos seus enclaves no Egito. Rivalidades sectárias e políticas entre os seljúcidas e os fatímidas, bem como internas ao império seljúcida, resultaram num período de desunião excepcional no mundo islâmico. Como um de seus próprios cronistas observou, os diversos governantes estavam “em desacordo entre si”.¹¹

E foi assim que os cristãos da Primeira Cruzada conseguiram uma surpreendente série de vitórias. Jerusalém caiu em 15 de julho de 1099, com uma impressionante investida militar acompanhada por lamentáveis saques e massacres dos habitantes judeus e muçulmanos da cidade, cujos corpos decapitados foram empilhados nas ruas, muitos ainda com o ventre rasgado pelos conquistadores cristãos para retirar moedas de ouro que as vítimas tinham engolido para escondê-las da pilhagem dos invasores.¹² Sacerdotes ortodoxos gregos de Jerusalém foram torturados até revelarem a localização de algumas de suas mais preciosas relíquias, inclusive um fragmento de madeira da verdadeira cruz em que Cristo havia morrido, incrustada em um lindo relicário de ouro em forma de crucifixo.

Os cruzados tomaram as principais cidades do norte: Edessa e Antioquia, bem como cidades menores, que incluíam Alexandreta, Belém, Haifa, Tiberíades e uma importante e estratégica cidade portuária, Jaffa. Outras cidades costeiras, como Arsuf, Acre, Cesareia e Asquelom, continuaram nas mãos dos muçulmanos, que concordaram em pagar tributos para se manterem autônomos, mas acabaram sendo conquistadas por gerações posteriores de invasores.

Em vista das condições sem precedentes de sua chegada, da grande distância de seus países de origem e da natureza desgastante de uma guerra num clima tão inclemente, o domínio cristão desses territórios continuou incompleto. Na ocasião da peregrinação de Saewulf a Jerusalém, tropas, barcos e homens religiosos chegavam do Ocidente para ajudar a expandir os

territórios sob domínio do governo do primeiro rei cruzado de Jerusalém, Balduíno I. Mas eles não eram muitos, e se viram ameaçados por múltiplos inimigos externos e cisões internas entre os cruzados, recrutados em regiões do Ocidente pouco conhecidas pela facilidade de cooperação.

Assim, no verão de 1102, Saewulf encontrava-se em um novo e pequeno reino cristão no Oriente, às vezes assediado, mas sempre agressivo, cuja própria existência era considerada pelos fanáticos que o instituíram como a evidência de que Deus havia “aberto para nós a abundância de Suas bênçãos e misericórdia”. Como era de se esperar, os muçulmanos desterrados viam as coisas de outra forma. Referiam-se aos novos vizinhos como o produto de “um tempo de desastres” trazido pelos “inimigos de Deus”.¹³



Durante os seis meses seguintes, Saewulf explorou cada centímetro da Cidade Sagrada e a área ao redor, cotejando aquilo que via com seu conhecimento das Escrituras e relatos anteriores sobre Jerusalém, inclusive um escrito pelo monge e teólogo inglês do século VIII conhecido como Venerável Beda. Saewulf ficou fascinado com o Templo do Senhor e a igreja do Santo Sepulcro, com o Monte das Oliveiras e o Jardim de Getsêmani. Foi ao mosteiro da Santa Cruz, onde os visitantes podiam espiar por baixo do grande altar e ver o cepo da árvore da qual o crucifixo de Jesus fora feito, encapsulado numa caixa de mármore branco com uma janelinha vazada. Ficou maravilhado com a magnificência do que viu. Sobre o Templo do Senhor comentou que “sua altura era maior que as montanhas ao redor, e sua beleza e glória sobressaíam a todas as outras casas e edifícios”.¹⁴ Admirou-se com as gloriosas esculturas e as formidáveis defesas da cidade. Via em cada item as Escrituras vindo à vida: o lugar onde Pedro curou o homem manco e por onde Jesus entrou em Jerusalém, “montado num jumento, enquanto os meninos cantavam *Hosana ao filho de David!*”.¹⁵

No entanto, Saewulf considerava as estradas de peregrinação no entorno de Jerusalém sinistras e inseguras. A trilha para o interior partindo de Jaffa era particularmente longa e difícil, uma dura jornada por uma “difícil

estrada montanhosa”.¹⁶ A instabilidade geral do reino dos cruzados era evidente em toda parte. Salteadores muçulmanos – Saewulf os chamava de “sarracenos” – vagavam pelas zonas rurais, vivendo em cavernas rochosas, assustando peregrinos que acreditavam que “eles ficavam acordados dia e noite, sempre de olho em alguém para atacar”. De tempos em tempos, Saewulf e seus companheiros avistavam figuras assustadoras, ameaçando-os antes de sumirem de vista. Todos viajavam com medo, sabendo que qualquer um que se cansasse e ficasse para trás estaria propenso a sofrer um destino medonho.

Por toda parte cadáveres jaziam apodrecendo sob o sol. Alguns no meio do caminho, outros na beira da estrada, vários deles “mutilados por animais selvagens” (raposas, chacais e leopardos eram animais nativos das montanhas da Palestina). Aqueles cristãos haviam sido abandonados por seus companheiros de viagem sem qualquer tentativa de proporcionar aos mortos um enterro decente, pois naquela terra ressecada pelo calor a tarefa teria sido impossível. “Há pouca terra por aqui e não é fácil remover as pedras”, escreveu Saewulf. “Mesmo se houvesse um solo ali, quem seria tolo de se separar de seus confrades e ficar cavando uma cova sozinho? Qualquer um que fizesse isso, cavaría uma cova não para o seu companheiro cristão, mas para si mesmo.”¹⁷

A dez quilômetros ao sul de Jerusalém, ele considerou Belém “toda arruinada”, com exceção do grande mosteiro da Bem-Aventurada Virgem Maria, que continha “a manjedoura onde estavam o boi e o jumento” quando Cristo nasceu, assim como uma mesa de mármore onde a Virgem teria jantado com os reis Magos.¹⁸ Mais ao sul ficava Hebron, também “arruinada pelos sarracenos”, notável por ser o local de sepultamento dos “santos patriarcas Abraão, Isaac e Jacó”, além de “Adão, o primeiro homem criado”.¹⁹ A leste ele via o mar Morto, “onde a água do Jordão é mais branca e se parece mais com leite do que com outras águas”.²⁰ Ao norte, a três dias de viagem, Saewulf visitou Nazaré, o mar da Galileia e a cidade de Tiberíades, onde Jesus realizou milagres, inclusive o de alimentar 5 mil pessoas.

A grande concentração de locais sagrados era profundamente comvente, e Saewulf manteve um detalhado registro de tudo, lembrando

até mesmo o “cheiro de sândalo e de especiarias muito preciosas” que permanecia em suas narinas quando ele visitava santuários particularmente populares.²¹ Mas sempre esteve ciente de que suas viagens devotas eram feitas por territórios traiçoeiros. Via igrejas e cidades desabadas em ruínas de pedras cortantes. Mosteiros pranteavam dezenas de confrades massacrados por causa de sua fé. Horrores novos e antigos misturavam-se. Aqui, um local onde em tempos antigos São Pedro molhou a terra com suas lágrimas depois de trair o Senhor; ali, uma igreja abandonada mais recentemente por medo dos “pagãos” que se reuniram nas margens longínquas do rio Jordão, “na Arábia, que é muito hostil com os cristãos e odeia todos os veneradores de Deus”.²²

No fim da primavera de 1103, Saewulf havia viajado até o mais longe que podia e realizado amplamente seu propósito como peregrino: “Eu tinha explorado o máximo que podia de cada um dos locais sagrados da cidade de Jerusalém e das cidades próximas, e os venerado”, escreveu. Voltou a Jaffa para conseguir um catre em algum navio mercante para o Ocidente. Mas sua segurança ainda não estava garantida. As águas no caminho para Chipre eram patrulhadas por navios inimigos do Egito fatímida, que dominava muitas cidades costeiras e mantinha sua esquadra no mar, sempre reabastecida de água e víveres. Nenhum navio cristão se atrevia a fazer uma longa viagem sem perder a costa de vista. Em 17 de maio, Saewulf embarcou em um de três grandes barcos conhecidos como drómons, que estavam zarpando juntos para o norte e navegariam próximos da costa, parando em portos amistosos e passando pelos inamistosos o mais rapidamente que o vento predominante permitisse e seus remadores conseguissem.

Após 120 quilômetros de viagem, quando os barcos se aproximavam de Acre, 26 belonaves árabes surgiram no horizonte. Eram navios fatímidas, o que logo provocou pânico nos conveses. Saewulf viu quando os dois drómons que acompanhavam sua embarcação começaram a remar freneticamente para chegar em segurança à cidade de Cesareia, ocupada por cristãos. O barco em que estava ficou à deriva. O inimigo formou um círculo ao redor, mantendo-se fora do alcance das flechas, aos gritos de alegria ante a promessa de tal butim. Os peregrinos se armaram para

resistir e se alinharam para a defensiva no convés. “Nossos homens estavam preparados para morrer por Cristo”, escreveu Saewulf.²³

Felizmente, aquela mostra de coragem foi suficiente para fazer o comandante fatímida pensar duas vezes antes de empreender o ataque. Depois de uma tensa hora de considerações, ele decidiu que poderia encontrar alvos mais fáceis, desistiu do ataque e partiu para águas mais profundas. Saewulf e seus companheiros de viagem oraram ao Senhor e seguiram viagem, chegando a Chipre oito dias depois, antes de prosseguir para a costa da Ásia Menor e retornar mais ou menos pela mesma rota que havia percorrido em sua viagem de vinda. Finalmente eles tomaram o rumo norte pelo estreito de Dardanelos, em direção à grande cidade de Constantinopla, com mais relíquias ainda a serem visitadas e veneradas. Durante a viagem, foram assediados por piratas e ameaçados por tempestades. Quando ponderou sobre a grande viagem da sua vida, já na segurança de seu lar, Saewulf refletiu que a única coisa que o havia protegido fora a graça de Deus.



Saewulf foi apenas um entre milhares de peregrinos a fazer essa viagem à Terra Santa depois da Primeira Cruzada. Eles vinham de todo o mundo cristão: existem inúmeros relatos sobre o novo reino cristão de Jerusalém, frágil em suas primeiras décadas, produzidos por homens que viajaram de Portugal, de Flandres, da Alemanha, da Rússia e até da Islândia. Como a Terra Santa era na verdade uma zona de guerra, muitos consideraram o lugar assustador. O cronista Foucher de Chartres observou em 1101 que, quando visitavam Jerusalém, os peregrinos chegavam “muito timidamente [...] passando por piratas hostis e portos sarracenos, com o Senhor mostrando o caminho”.²⁴ Um escritor russo conhecido como Daniel, o Abade, viajou em peregrinação desde Kiev, entre cerca de 1106 e 1108. Ele também escreveu sobre a aterrorizante estrada ligando Jaffa a Jerusalém, onde “sarracenos faziam investidas para matar viajantes”, e lamentou o número de locais de veneração “destruídos pelos pagãos”. Na estrada para o lago Tiberíades, escapou de “ferozes pagãos que atacam viajantes nos

fiordes do rio” e de leões que vagavam pela mata em “grande número”. Caminhando desacompanhado pelo desfiladeiro alto e estreito entre o monte Tabor e Nazaré, Daniel rezou pela própria vida, tendo sido alertado de que os aldeões locais “matam viajantes naquelas terríveis montanhas”.²⁵ Felizmente ele sobreviveu, voltando para sua casa em Kiev com um pedacinho de pedra da tumba de Cristo, arrancado sub-repticiamente pelo guardião da chave e lhe dado de presente como uma relíquia.

Peregrinos de todas as épocas sempre souberam dos perigos representados por salteadores. Mas a hostilidade dos muçulmanos que viviam nos limites ou ao redor dos novos Estados cruzados era mais do que meramente oportunista. As perdas sofridas pelo seu povo com a primeira aparição dos francos, em 1096, eram consideradas vexatórias e desconcertantes – um sinal do desagrado de Deus com as divisões no mundo islâmico e um apelo a todos os fiéis para se erguer em armas e reagir aos invasores. “Exércitos como montanhas, uns atrás dos outros, avançaram vindos das terras dos francos”, escreveu o poeta sírio Ibn al-Khayyat, antes de 1109. “As cabeças dos politeístas já amadureceram, portanto não os negligenciem como uma safra e uma colheita!”²⁶ Outros escritores, como o sábio e visionário Ali ibn Tahir al-Sulami, apelou para um esforço em conjunto de todo o mundo islâmico – turcos e árabes, sunitas e xiitas – para que se aliassem numa *jihad*, ou guerra santa, para “tomar de volta o que [os francos] tomaram do país dos muçulmanos [e] as representações da religião do islã neles”.²⁷

O contra-ataque por meio da *jihad* esperado por Al-Sulami não aconteceu – ao menos não nos anos logo a seguir ao estabelecimento do reino cristão. As rancorosas divisões internas continuaram, tornando impossível qualquer reação séria e sustentável ou eficiente à ocupação. Em termos de alta política e príncipes guerreiros, os francos estavam em Jerusalém para ficar. Mas, ao mesmo tempo, para os cristãos que arriscavam tudo o que possuíam, inclusive a própria vida, viajando milhares de quilômetros para visitar os locais sagrados do Oriente, o reino de Jerusalém era um lugar onde o êxtase e o terror eram vivenciados lado a lado, em geral no decorrer de um mesmo dia. Como observou um escritor muçulmano, citando a Torá, Jerusalém era “uma bacia de ouro cheia de escorpiões”.²⁸

Ao desejo de desbravar esses perigos se somava o fascínio de uma peregrinação, pois o desconforto e o sofrimento eram considerados necessários para a redenção da alma e a absolvição dos pecados desejadas por todos os peregrinos. Mas havia um limite para o número de corpos empilhados pela estrada, dilacerados e degolados. Na medida em que os cruzados fincavam raízes nesse novo reino no centro do mundo, tornava-se claro que eles precisariam de proteção.

É aí que começa a história dos templários.

CRÍTICA